

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Antropologia



Trabalho de Conclusão de Curso

AS COISAS NO INTERIOR DO SAGRADO

**UM ESTUDO NO CENTRO ESPÍRITA DE UMBANDA NOSSA SENHORA DA
PENHA**

Daiana Oliveira Félix de Oliveira

Pelotas, 2018

Daiana Oliveira Félix de Oliveira

AS COISAS NO INTERIOR DO SAGRADO
UM ESTUDO NO CENTRO ESPÍRITA DE UMBANDA DE NOSSA SENHORA
DA PENHA

Trabalho de conclusão de curso apresentado á
Faculdade de Antropologia da Universidade
Federal de Pelotas como requisito parcial á
obtenção de título de Bacharel em Antropologia
com linha de formação em Antropologia Social.

Autor(a): Adriane Luísa Rodolpho.

Pelotas, 2018.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

O48c Oliveira, Daiana Oliveira Félix de

As coisas no interior do sagrado : um estudo no Centro Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Penha / Daiana Oliveira Félix de Oliveira ; Adriane Luísa Rodholpho, orientadora. — Pelotas, 2018.

52 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia - Antropologia Social e Cultural ou Arqueologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Umbanda cruzada. 2. Cultura material. 3. Sagrado. I. Rodholpho, Adriane Luísa, orient. II. Título.

CDD : 306.6

Daiana Oliveira Félix de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, para obtenção de grau de Graduado em Antropologia com linha de formação em Antropologia Social, Universidade Federal de Pelotas.

Data de defesa: 14/03/2018

Banca examinadora:

Prof(a).Dra Adriane Luísa Rodolpho.(Orientadora) Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof.Dr. Cláudio Baptista Carle. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof(a).Dra Rosane Aparecida Rubert. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas.

Agradecimentos:

Agradeço a minha mãe pelo apoio que me foi dado ao decidir fazer outra linha de formação do curso de Antropologia se não fosse sua ajuda não conseguiria me formar, já que, não tive apoio da Universidade em relação ao auxílio transporte e outros benefícios recebidos na minha primeira graduação. Obrigada por me apoiar, não só na parte financeira, mas também sempre me incentivando.

Agradeço muito aos colegas, Fabíola Konsalik, Felipe Sousa, Luciana Alves, Mariza Maciel, Simone Fernandes, Veridiana Oliveira e Victória Ulguim por serem minhas clientes e terem me ajudado realizando compras nas revistas de cosméticos e roupas das quais ainda vendo.

À minha amiga Dilza Dorneles pela indicação do local de pesquisa em 2014, o qual eu continuei a pesquisa ao retornar a fazer outro Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço muito a professora Adriane Luísa Rodolpho. Pelo auxílio em relação à realização deste trabalho, e por ter me acolhido com carinho e alegria como sua orientanda.

Aos professores Cláudio Carle e a Rosane Rubert por terem aceitado o convite para participar da banca.

As pessoas que fazem parte do Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Penha, especialmente a Mãe Vilma e a Mãe Cleusa, que me relataram as informações necessárias para que fosse possível realizar o trabalho.

Agradeço imensamente também a comunidade pertencente à terreira Ilê, Aie, Orixá, e Yemanjá por terem me recebido com muito carinho no espaço religioso, especialmente a lalorixá Sandrali. Infelizmente não pude utilizar as informações colhidas neste trabalho, mas aproveitarei em outro momento.

Dedicatória:

Dedico essa vitória a minha família,
Especialmente, a minha mãe.

Resumo:

Oliveira, Daiana Oliveira Félix de. **As coisas no interior do sagrado: Um Estudo no Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Penha**. 2018.f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia com linha de formação em Antropologia Social), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

O presente estudo é a continuação da pesquisa realizada em 2014 para o meu Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia, com linha de formação em Arqueologia, do qual o título era Cultura Material de Pretos Velhos e Caboclos na linha cruzada, na cidade de Pelotas. Neste atual trabalho, a pesquisa é realizada na mesma casa de religião de Umbanda Cruzada estudada anteriormente, o Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Penha. Mas utilizando outra abordagem realizada através do método antropológico com o propósito de visualizar a relação da comunidade religiosa com o sagrado, principalmente, a conexão das pessoas com as divindades através da materialidade expressa pelos objetos utilizados durante os ritos. Além disso, tenho como objetivo compreender a importância destes espaços. Dessa forma, concluímos que os objetos no interior das atividades ritualísticas, se transformam em símbolo: algo dinâmico, animado, vivo e sagrado. As entidades visualizam nos próprios objetos a sua representação, e, além disso, suas características, e, é por meio destes que há uma conexão entre uma entidade com a outra. Em relação aos espaços, existe a hierarquia e a oposição entre a casa e a rua.

Palavra chave: Umbanda Cruzada; Cultura material; Sagrado.

Abstract:

Oliveira, Daiana Félix de. **Things inside the sacred: a study in the Spiritist Centre of Umbanda Nossa Senhora da Penha**. 2018.49 f. Work of conclusion of course (graduation in anthropology training in line with Social Anthropology), Institute of human sciences, Federal University of Pelotas.

This study is a continuation of the research carried out in 2014 to my work of Conclusion of course in anthropology, which line of in Archaeology, from which the title was Black Material Culture Old and Caboclos in cross-line, in the city of Pelotas. In this current job, the search is performed in the same House of religion of Umbanda Crusade studied previously, the Spiritist Centre of Umbanda Nossa Senhora da Penha. But using another approach held through the anthropological method with the purpose of showing the relationship of the religious community with the sacred, especially the connection of people with the gods through the materiality, expressed by objects used during the rites. In addition, I have aimed to understand the importance of these spaces. Thus, we conclude that the objects inside the ritualistic activities, become symbol: something dynamic, lively, alive and sacred. View entities in their own objects to your own representation, and Moreover, its features is through these that there is a connection between an entity with the other. In relation to spaces, there is a hierarchy, and the opposition between the House and the street.

Keyword : Umbanda Crusade ; Material culture; Sacred

Lista de figuras:

<i>Figura 1: Imagem de Jesus Cristo</i>	23
<i>Figura 2: Imagem de Nossa Senhora da Conceição</i>	24
<i>Figura 3: Imagem de Iansã</i>	25
<i>Figura 4: Imagem de Xangô</i>	26
<i>Figura 5: Imagem de Iemanjá</i>	27
<i>Figura 6: Imagem de São Jorge</i>	28
<i>Figura 7: Imagem de Oxóssi</i>	29
<i>Figura 8: Louça Ágata</i>	36
<i>Figura 9: Loja de artigos religiosos.</i>	38
<i>Figura 11: Lojas artigos religiosos</i>	39
<i>Figura 12: Bandeira do Centro Espírita Nossa Senhora da Penha</i>	40
<i>Figura 13: Figura: Jubileu de Ouro</i>	40
<i>Figura 14: Imagem das espadas</i>	42
<i>Figura 15: Imagem da vela que representa as cores das setes entidades.</i>	42
<i>Figura 16: Imagem do Tambor</i>	44
<i>Figura 17: Imagem do chocalho</i>	45
<i>Figura 18: Imagem da pedra de Xangô</i>	45
<i>Figura 19: Gamela de Xangô</i>	46
<i>Figura 20: Imagem do Quarto de santo e Congá</i>	48

Sumário

Introdução:	12
1. A Umbanda de Linha Cruzada ou Quimbanda.	15
2. Centro Espírita de Nossa Senhora da Penha:	20
2.1. As obrigações e os objetos:	31
3. As coisas e o sagrado	34
3.1: Ritual de Iniciação	34
3.2. Benzeduras	37
3.3. Os objetos e sua simbologia	38
Conclusão	49
Referências	51

Introdução:

Este trabalho é a continuação da pesquisa realizada em 2014 para o meu Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia, com linha de formação em Arqueologia, do qual o título era Cultura Material de Pretos Velhos e Caboclos na linha cruzada, na cidade de Pelotas¹.

A pesquisa foi realizada através de uma abordagem etnoarqueológica, cujo propósito era compreender a materialidade do universo ritualístico com foco nas entidades dos Pretos Velhos e Caboclos. A fim de atingir o objetivo a pesquisa foi levada a efeito no Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Penha, casa de religião de Umbanda de Linha Cruzada. Nesta primeira experiência de viés etnohistórico, não foi examinado a fundo, o que desejava a relação mais profunda entre os objetos e sua simbologia no desenvolvimento dos rituais. No entanto, foi apresentada uma parcela significativa de dados que na atual pesquisa são examinados sob a ótica antropológica.

O interesse em pesquisar sobre religiões de matriz africana surgiu ao longo do curso de Antropologia. Por ser de uma família católica sempre tive curiosidade a respeito da religião de meus ancestrais e a partir disto, comecei a me interessar por Arqueologia, linha de formação pela qual optei, e ao final do curso escolhi fazer um trabalho relacionando às duas disciplinas. Retomei o curso em 2016, na linha de Antropologia Social e Cultural, para alcançar uma formação mais completa e trabalhar com competência plena nas duas áreas.

A presente pesquisa, como já mencionado, retoma o que já foi feito anteriormente. O trabalho de campo está sendo feito na terreira², a mesma pesquisada em 2014, na qual eu estava familiarizada com as pessoas do local, o que facilitou o meu acesso ao espaço.

¹ O Curso de Bacharelado de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas apresenta duas linhas de formação a Antropologia Social e Cultural e a Arqueologia. A formação é inspirada nos quatro campos do antropólogo Franz Boas. Os estudantes de Antropologia optam por que área seguir pós terceiro semestre. Até o período cursam disciplinas das duas linhas de formação.

²É o local onde se realizam os cultos cerimoniais.

A abordagem realizada é através do método antropológico. O propósito é visualizar a relação da comunidade religiosa com o sagrado, principalmente a conexão das pessoas com as divindades através da materialidade expressa pelos objetos utilizados nas atividades ritualísticas. Neste estudo, a questão é a seguinte: Qual a importância e o significado dos objetos ritualísticos e dos espaços que constituem a terra para a comunidade religiosa?

Para concretizar este estudo foram realizadas anotações, fotografias, gravações de áudio de conversas com a comunidade religiosa, uma vez que o uso do gravador foi bem aceito pelos interlocutores; não entrevistas, mas conversas, para que se sentissem mais à vontade para falar sobre os seus conhecimentos. Na pesquisa, preparei o ato de ouvir não totalmente neutro, mas usando objetividade.

A fotografia, assim como o restante, é usada como meio de documentação para enunciar conclusões, já que a imagem fotográfica é uma representação da realidade. A imagem mostra detalhes, informações, a singularidade e a complexidade do objeto da pesquisa. O trabalho de campo, uma vez que a pesquisa fotográfica foi realizada por mim mesma, trouxe realização pessoal relacionada à descoberta do significado da representação dos objetos. De modo que, ao selecionar o que deveria ser registrado atribuí valor a cada imagem. Neste trabalho, intercalo a informação fotográfica com a escrita, de forma que o leitor possa fazer a devida compreensão em relação ao texto. (GURAN,1997)

No período pós - abolição, já no regime republicano, a cultura religiosa afro - brasileira, continuou a ser dominada por políticos e também sofrendo perseguições por parte da polícia. As religiões de matriz africana e toda sua cultura material e simbologia eram consideradas por uma ideologia evolucionista e racista como atrasadas e primitivas.

O Patrimônio arqueológico quando pertencentes à cultura de origem africana são desvalorizados, mesmo na cidade de Pelotas que apresenta um uma quantidade significativa de negros. Já que, é uma cidade elitista conhecida pela tradição do doce, das charqueadas e dos casarões. As terras consideradas como o espaço de resistência desta cultura, pós - colonização é que são encontrados artefatos que podem ser aproveitados como documentos, que materializam a religiosidade e a cosmovisão do grupo. Conforme Ribeiro,

(JÚNIOR, 2011) é necessário realizar pesquisas e ouvir a voz de sujeitos historicamente marginalizados e oprimidos. Assim sendo, uma pesquisadora de identidade negra vejo a importância do grupo estudado não ser olhado apenas como objeto de pesquisa. Deste modo pretendo usar os dados coletados em campo como meio de desconstruir preconceitos, reivindicar direitos e trazer benefícios inserindo o negro em políticas públicas.

A pesquisa tem o objetivo geral de valorizar a memória, a partir do registro de histórias não documentadas contribuindo para a afirmação identitária da cultura de matriz africana. Baseado na multivocalidade, reconhecer que todos os grupos têm suas crenças, valores e o seu modo particular de se expressarem. Os objetos religiosos representam a identidade do grupo pesquisado.

No primeiro capítulo, denominado Umbanda de Linha Cruzada ou Quimbanda, apresento as características das religiões de matriz Africana no Estado do Rio Grande do Sul, no segundo capítulo chamado Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Penha, mostro a história do local e a sua estrutura e a utilização dos objetos nas atividades ritualísticas. No terceiro capítulo, apresento através de imagens fotográficas a cultura material da casa de religião a fim de compreender a sua simbologia.

Capítulo 1: A Umbanda de Linha Cruzada ou Quimbanda.

O presente capítulo visa mostrar de forma sucinta, características das três formas de rituais afro - brasileiros existentes no Rio Grande do Sul: a Umbanda, o Batuque e a Linha cruzada, para que se possa entender melhor a pesquisa realizada em centro de Umbanda Cruzada. (ORO, 2008)

O Estado do Rio Grande do Sul apresenta o maior número de indivíduos que se declaram pertencentes à religião de matriz Africana valia-se que existam cerca de 30.000 terreiros.

Muitos religiosos acreditam que a formação da Umbanda ocorreu, a partir de um kardecista de classe média, chamado Zélio de Moraes. De acordo com Diana Brow (1985), Zélio, ao frequentar casas de Macumba³ no Rio de Janeiro, e perceber a eficácia dos espíritos resolveu “*misturar*” as duas religiões (Kardecismo e Macumba). Desse modo, resultou na fundação do Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade na década de 1920.

O kardecismo tem origem na França e grande aceitação no Brasil, e uma de suas características principais é a crença na reencarnação⁴. Além disso, a mediunidade⁵, aplicação de métodos e explicações científicas.

A religião, sendo praticada por um estrato social mais elevado da população, autodenominando-se uma religião cristã, legitimando a possessão dos espíritos apresentando um discurso racional frente os fenômenos mágicos, serviu como mediador para a constituição da Umbanda, que sob sua influência, se desenvolveu como religião organizada. (SILVA, 2005 p.110)

³ A macumba é uma religião que cultua os Orixás Iorubás - Jejês denominados de nagô, os santos da igreja católica e os deuses ameríndios. (Sá Júnior, 2004)

⁴ É a crença de que os espíritos poderiam evoluir através da prática do bem, ou regredir cedendo aos vícios do corpo material (promiscuidade, alcoolismo, drogas, violência, ignorância etc.). “Pela lei do carma” (de inspiração hinduísta), a cada reencarnação na Terra os espíritos colhem os frutos das boas ações praticadas no passado ou pagam pelas más. De acordo com essas ações é que eles “espírito de luz” ou “das trevas”. A terra é considerada, nesse contexto, um planeta de aprendizado, expiação (através do sofrimento), solidariedade e caridade (para os que sofrem). (Gonçalves da Silva, 2005 p.108)

⁵ A mediunidade (capacidade de entrar em contato com o mundo invisível dos espíritos) é considerada uma qualidade inata é necessária ao homem em seu processo de evolução espiritual. (Gonçalves da Silva, 2005 p.108)

Apesar do Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade ser historicamente importante, não se pode afirmar que a formação da Umbanda tenha ocorrido em um só lugar. Nesse contexto, a classe média kardecista se uniu à classe pobre e negra pertencente a uma tradição de religião de origem afro-brasileira, que viria a formar a Umbanda. (SILVA, 2005).

De acordo com Gonçalves da Silva (2005) as religiões de matriz africana que antecederam as casas de Candomblé eram denominadas Calundu até o século XVIII, muito frequentes especialmente na região de Minas Gerais. No culto havia elementos africanos e católicos.

“Entre as principais etnias africanas que desembarcaram nas costas brasileiras sobrevivendo as precárias condições de viverem nos porões de navio negreiro destacaram-se dois grupos: os sudaneses e os bantos”.(SILVA, 2005, p.26)

Os povos de língua Iorubá formaram o Candomblé e a sua base, que resultaram em dois modelos de cultos mais praticados: o Jejê-nagô e o Angola. O Jejê-nagô abarca as Nações Nagôs, que são práticas sudanesas também denominadas como Candomblé Nagô ou Ketu. O rito Angola abrange o ritual Congo e Cabinda, praticados pelos bantos, e conhecido como Candomblé de Angola. (SILVA, 2005)

Conforme Gonçalves da Silva (2005), o Candomblé de Angola, além da tradição africana, sempre esteve aberto a outras influências, o que deu origem a outras religiões, com outros nomes, em outros estados. Cabula no Espírito Santo, Macumba no Rio de Janeiro, e Candomblé de Caboclo na Bahia.

Também na Macumba o termo Umbanda ou Quimbanda designava o chefe do culto e seus ajudantes, cambono ou cambone. (SILVA, 2005). Isto demonstra que muitas das características da Umbanda e Quimbanda já estavam presentes na Macumba.

De acordo com Corrêa (1994), existem três formas de rituais no Rio Grande do Sul, a Umbanda, o Batuque e a Linha Cruzada. A Umbanda ou Linha branca usa esta cor como um modo de embranquecer as religiões de matriz africana, o propósito é tornar a doutrina mais ocidental e mais distante da sua origem. No Congá⁶ as imagens de gesso de origem católica são brancas e

⁶ A palavra Congá é de origem banto é utilizada no ritual de Umbanda para denominar “o altar sagrado”, este cartaz é composto de imagens de santos católicos, Caboclos, Pretos Velhos e outros. É composto por uma mesa onde ficam as imagens e outros apetrechos religiosos e

também são da mesma cor as de identidade africana numa grande parte das terreiras. Além disso, no rito o tambor não é tocado, os pontos são puxados através dos pontos cantados e palmas e não se utiliza sangue nos sacrifícios.

A Umbanda “pura”, considerada desse modo por não incluir a Quimbanda e não trabalhar com a linha dos exus, sendo assim, mais aceita pela sociedade que acredita que essa apenas trabalharia para o bem. Dessa forma, conquistou um grande crescimento, que conquistou seguidores de melhor nível de renda e escolaridade. (CORRÊA, 1994)

“Existem, simplificando três formas de rituais afro-brasileiras básicas no Rio Grande do Sul: a Umbanda “pura”, a Linha Cruzada e o Batuque “puro”, denominações dada pelos seus próprios fiéis. Todas têm em comum o elemento de possessão, isto é seus filiados podem ser possuídos por divindades variadas, que se manifestam através de seus corpos e mentes”. (CORRÊA, 1994)

A Umbanda estabeleceu-se no Rio Grande do Sul na década de 20. O primeiro centro foi fundado na cidade de Rio Grande. No entanto, é uma religião que apresenta sincretismo com outras doutrinas, o kardecismo e o catolicismo. As entidades brasileiras adotadas são os Pretos Velhos⁷ e os Caboclos⁸ (ORO, 2008; SILVA, 2011). A chefe religiosa do Centro Nossa Senhora da Penha, Mãe Vilma, a seguir, define o que é a Umbanda:⁹ (*sic*)

“A Umbanda é mundial se torna uma nação sabe porque pega todas as outras entidades todos que trabalham com o Candomblé e o Jejê. É do nascimento do espiritismo que sai a Umbanda; a Umbanda nasce dos espíritos da mesa, então a Umbanda foi criada pelos espíritos da mesa., Então, os espíritos começam a entrar no corpo da pessoa, que

tem relação estreita com o que está embaixo: os fundamentos da terra. (tate-umbandaeseusmisterios.blogspot.com.br)

⁷O Preto Velho, quando incorporado nos médiuns, apresenta - se como um espírito de um negro escravo muito escravo muito idoso que, por isso, anda todo curvado, com muita dificuldade o que o faz permanecer a maior parte do tempo sentado num banquinho fumando pacientemente seu cachimbo. Esse estereótipo representa a idealização do escravo brasileiro que, mesmo tendo submetido aos maus tratos da escravidão, foi capaz de voltar a terra para ajudar a todos, inclusive aos brancos, dando exemplo de humildade e resignação ao destino que lhe foi imposto em vida. (SILVA, 2005 p.123)

⁸ Os Caboclos são espíritos que possuem uma grande elevação espiritual. Eles são perfeitos caçadores, possuem conhecimento a fundo sobre ervas e constituem uma falange e penetram em todas as linhas atuando em várias vibrações. De acordo com Corrêa (1994), tanto os Caboclos como os Pretos Velhos são entidades que não aprenderam falar corretamente o português sendo necessário às vezes a ajuda de um Cambono (médium que auxilia as pessoas da assistência a compreenderem o que as entidades estão falando). (CORRÊA, 1994)

⁹ Transcrição de gravação.

antes não entrava no corpo da pessoa, porque antes os espíritos não entravam no corpo, só nos africanos, porque das raízes dos africanos que saiu a Umbanda e depois o Batuque. E tem espírito que entra na cabeça das pessoas e outros só encostam (trabalham nas costas) na Umbanda não. A Umbanda é raiz, é a maior nação que tem, qualquer espírito de luz entra no corpo da pessoa, que tenha o corpo preparado para receber a entidade. Não é qualquer um que pode trabalhar, tem pessoas que trabalham pelo que vêm no livro, nós trabalhamos para o que os Orixás nos obrigam, eles são os que passam os trabalhos, eles é que chegam e dão verdadeiramente aquelas receitas, são eles que passam aquele trabalho são a maior nação no mundo a Umbanda e a Quimbanda, são magia branca trabalham no bem e contra o mal.”(Mãe Vilma, outubro 2017)

Conforme Oro (2002), a presença do Batuque é confirmada desde o século XIX as primeiras terreiras foram fundadas na região de Rio Grande e Pelotas. O Batuque é uma expressão genérica produzida à base da percussão por frequentadores de cultos.

O Batuque é identificado no estado como Nações Africanas. As principais nações são Ijexá, Oyó, Jêje, Cabinda, Nagô e Malê. (SILVA, 2008) Nesta doutrina são cultuados doze Orixás na seguinte ordem: Bará, Ogum, Oiá ou Iansã, Xangô, Odê, Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá.

A Linha cruzada é uma expressão afro - religiosa, nascida na década de 1960, numa fase de consolidação com o capitalismo. É o ritual que mais tem crescido no estado do Rio Grande do Sul, além de apresentar maior poder de atração social (ORO, 2008, ORO, 2012). A linha cruzada reúne elementos das linhas da *Umbanda*, da linha dos *Exus* (Quimbanda) e da *Nação*. (RODOLPHO, 1994)

“A linha dos Exus (ou as sessões de quimbanda) só ocorre em terreiros que realizam a umbanda e/ou batuque, em momentos diferenciados. Basicamente as entidades Exu e Pomba Gira, são cultuadas de maneira privilegiada numa sessão de Quimbanda, da mesma forma que os Orixás numa sessão de Batuque e os Pretos Velhos e os Caboclos numa sessão de umbanda”.

(RODOLPHO, 1994)

Do mesmo modo que uma pessoa do Orixá que rege sua cabeça e outro de seu corpo, cada um possui, igualmente, um Exu e Pomba gira. Os Exus trabalham na rua para o santo, no batuque para os Orixás e dentro da Umbanda para os Caboclos (RODOLPHO, 1994)

Assim, a cidade de Pelotas é formada por um número significativo de descendentes de africanos, que fizeram a região crescer economicamente durante a colonização, por seu trabalho escravo nas charqueadas, pois o produto de maior mercado, na época, era o charque. Portanto, as religiões de matriz africana são uma forma de resistência da cultura negra, e por isso, a região apresenta uma grande quantidade de terreiras. A maioria delas são casas de Umbanda Cruzada. É uma destas casas eu apresento neste trabalho no próximo capítulo.

Capítulo 2: Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Penha:

Neste capítulo apresento o Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Penha com o propósito de mostrar não só a sua história e a estrutura do local, como também os objetos e a relação deles com as pessoas nas atividades ritualísticas. Neste centro, realizei o trabalho de campo em 2014 e que resultou no meu Trabalho de Conclusão de Curso, com o título de **Cultura Material de Pretos Velhos e Caboclos na cidade de Pelotas**.

A Casa de religião localiza-se numa residência próximo ao centro, no bairro Areal da cidade de Pelotas-RS. A terreira foi inaugurada em novembro de 1950¹⁰. Era um chalé de madeira, duplo. O espaço da terreira era pequeno, ficava na dependência que atualmente é o quarto de santo, nos fundos da casa de moradia. Depois que a casa de moradia passou a ser de material, a madeira foi reutilizada para ampliar o espaço da terreira; apenas em 1990 é que a terreira também foi construída com material. Nesse período, quem liderava a terreira era a Mãe Vilma e a sua irmã¹¹ biológica.

A avó biológica da Mãe Vilma tinha uma terreira na cidade de Canguçu, na qual a Mãe Vilma já trabalhava quando ainda era criança. Conforme ela relata.

“Eu tenho uma nação de nascença que eu nasci com ela, minha avó tinha uma nação enorme lá em Canguçu. Durante a semana ficava de gente ela trabalhava segunda, quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira e sábado e domingo ela atendia muitas pessoas, ela benzia de tudo e quarta-feira era o dia da criança ir se defumar e ficava cheio de criança, eu com 7 anos defumava as crianças.”(Mãe Vilma, outubro de 2017).

A Mãe Vilma quando veio para Pelotas, se iniciou numa terreira de Umbanda que se localizava na Vila Castilho, bairro da periferia de Pelotas. O líder da terreira era conhecido como *gaúcho*.

“Quando eu cheguei aqui (Pelotas) para me desenvolver fui numa terreira na Castilho. Vi, eles trabalhando, incorporando e sentia medo. Ela foi girando com uma tocha de fogo e eu caí lá naquela tocha, eu vi que eu voei e me apaguei, a água corria nas pernas quando eu saí eu tremia, eu sentia calor como se tivesse queimando por ela ser da tribo

¹⁰ A casa foi inaugurada pela Mãe Vilma e sua irmã biológica.

¹¹ A irmã da mãe Vilma faleceu na década de 80 em consequência de um AVC.

do fogo (Jurema), a terreira do Gaúcho era a maior que tinha na cidade.”
(Mãe Vilma, outubro de 2017)

A terreira denominada *Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Penha* tem hoje como líder apenas a Mãe Vilma. A Cacique trabalha com mais duas auxiliares e a sua filha e sua neta biológica.

No entanto, sua filha Cleusa e a neta Heloísa também são consideradas Mães de santo pela comunidade. A Mãe Cleusa como a segunda Cacique, e tal como a Mãe Heloísa como a terceira. A chefe religiosa trabalha desde criança, e é analfabeta. Sua filha, Mãe Cleusa tem o ensino médio completo; Mãe Heloísa é mestre em Direito.

“Eu tive um pai de santo o maior pai de santo de todos ele me explicou tim tim por tim , ele explicou qual é o lado e qual a pessoa tem que seguir, eu não sei ler e nem escrever, eu trabalho com a sabedoria, nosso arcanjo e nossa mãe Oxum que nos dá a nossa sabedoria, eu não precisei estudar e não estudei e sei tudo. O médico diz vai morrer, a gente bota a mão e sai curado, eu disse para um doutor aqui dentro, a mulher dele não engravidava, ele fez tratamento de tudo, Porto Alegre, Rio de Janeiro tudo ele levava ela para engravidar e ela não engravidava, o cacique chegou e disse que no antro se encontrava o anjo que ela ia ficar grávida, teve uma filha mulher, ele tem até hoje uma fé imensa na religião”.(Mãe Vilma, outubro de 2017).

A terreira fica numa casa grande e é revestida por pedras cinza. Há uma grade na frente da porta, e do lado direito a garagem, pintada de marrom. Na parte interna da casa, ao passar o pátio pelo lado esquerdo, nas últimas peças ao fundo da casa de moradia fica o salão da Umbanda e Quimbanda. Os rituais são realizados no mesmo salão, mas em momentos diferentes. Na frente encontra-se a casa dos Exus¹², um espaço pequeno onde ficam as imagens da entidade, pois o Exu não fica dentro de casa, o lugar dele é na rua, pois é na rua que ele realiza os trabalhos e abre caminhos, transformando vidas.

¹² Os Exus trabalham em quatro campos diferentes, no cruzeiro, no cemitério, na praia e na mata. *Exu* é uma entidade da linha do povo de rua, ele é de pouca luz e está em processo de evolução, não está presente no Congá junto as entidades. Na *Quimbanda* ou *linha cruzada*, o Exu Bará é uma entidade que não pode ser confundida com o Orixá Bará. O Orixá Bará é mais calmo e doutrinado, ele tem o dom da palavra, quando ele fala as pessoas entendem, já a entidade Exu Bará é mais selvagem, por isso a importância de sua doutrinação. (Mãe Vilma, outubro de 2018)

O espaço da terreira é dividido em duas peças: o salão que também é cozinha e o quarto de santo¹³. Ao entrar, no lado direito está um fogão na parede que serve para cozinhar os alimentos destinados às entidades, e para o consumo da família. Próximo a ele, um banco longo, destinado a quem vai assistir. Ao lado, uma mesa grande e um armário. Perto fica o tambor, coberto com uma capa de renda branca, ao lado da poltrona que pertence à Mãe Vilma. Do lado esquerdo da poltrona, na frente do quarto de santo há uma imagem de São Jorge, sobre um pilar de gesso e diante dele é costume manter uma bacia de ágata, com pipoca¹⁴. No lado esquerdo do lado da porta, há um armário com a pia e o vaso com as plantas de São Jorge. O tambor e a poltrona ficam ao lado oposto da porta.

Acima da porta de entrada, para dentro do espaço da terreira, encontra-se uma segurança representada por duas pimentas e duas ferraduras brancas, uma chave da mesma cor e uma oração escrita em uma folha de papel ofício pendurado em uma faca.

O quarto de santo é um espaço pequeno onde no fundo se localiza o Congá. O Congá¹⁵ fica numa estante feita de pedras brancas, que contém um armário; acima dele uma mesa de mármore de cor branca e abaixo outra mesa do mesmo material. Na volta uma parede formada por pedras brancas.

Na parede quadros com imagens de santos dos dois lados. Próximo à mesa alta, uma cômoda onde são guardados os apetrechos das entidades. Em cima do móvel, toalhas e rendas. Perto aos Congos pilares de gesso, onde estão o Pai Xangô e a Mãe Iemanjá.

¹³ De acordo com a Mãe Cleusa (2014), os exus e as Pomba Giras são os senhores (as) da época da escravidão.

¹⁴ A pipoca tem vários significados dentro da religião, à pipoca é geralmente usada em quase tudo, por exemplo; uma segurança de saúde, uma comida para a entidade muitas vezes é feito com pipoca, ela é essencial dentro da religião, é usada para pacotes de limpeza espiritual, em pacote de abertura de caminho, a pipoca é utilizada pelo lado de santo (nação) e os Caboclos (Umbanda), pelo lado do Bará se usa muita pipoca que é o povo que limpa muito os caminhos que faz o descarrego das pessoas negativas. “A pipoca tira o que é negativo, ela traz o dinheiro, trabalhos são preparados com ela para o dinheiro, o negócio e o emprego”. (Mãe Cleusa, setembro, 2014)

Tanto a mesa alta como a cômoda têm imagens de santos católicos, e entidades da “Umbanda”, anjos, guias, o Espírito Santo, velas, vasos de flores, dentro de uma Bacia Ágata a pedra de Xangô, perfumes, o sino e taças. Na estante ficam as espadas. No espaço abaixo da estante, também de mármore, ficam as obrigações, bebidas (refrigerante, vinho, cachaça). No chão, os tambores, mais vasos de flores e cestas. Uma delas grande e com alças, que ficam no chão, costuma estar com balinhas nos momentos dos rituais.

No salão, há vários quadros pendurados nas paredes; acima da poltrona da Mãe Vilma, um grande e um pequeno de São Jorge, o de Nossa Senhora, um grande de Jesus, Maria e José. Além disso, um espelho pequeno, dois anjos, o jubileu de ouro e no lado do armário estão às flechas de outra entidade: o Caboclo.

A casa é denominada pela comunidade religiosa como de Umbanda Cruzada; existe um único espaço para os acontecimentos dos rituais: o da Umbanda e a Quimbanda ou linha cruzada. Os trabalhos são realizados de quinze em quinze dias nas sextas-feiras e costumam começar tarde da noite e se estender até de madrugada. Os pontos cantados é de extrema importância dentro dos rituais é a partir deles que se inicia as possessões.

O ponto cantado é a maneira sentimental de se comunicar com os sobrenaturais por meio da oralidade, o modo de saudar as entidades. É uma ação concretizada a frente das coisas sagradas. O ponto como uma forma de reza é um fragmento da religião e um fenômeno social.

Na Umbanda, o uso da magia é corrente. E as próprias divindades é que ao possuir o corpo de seus fiéis, praticam a magia: a cura para uns, o tão esperado emprego para os outros, a solução de problemas amorosos para outros ainda. Para todos a magia se mostra capaz de encontrar uma saída. (MONTERO,1986 p.11)

Na Umbanda, são sete linhas comandadas por um Orixá, na seguinte ordem decrescente em hierarquia: Oxalá, Oxum, Iansã, Xangô, Iemanjá, Ogum e Oxóssi e abaixo deles estão as entidades: Caboclos, Ciganos, Pretos velhos e

Ibejis. Por último, nessa classificação, estão os Exus e as Pombas giras. No centro são oferecidas comidas as entidades; cada um deles tem sua cor, roupa e obrigação correspondente. A seguir apresento as entidades principais de cada linha:

OXALÁ

É uma entidade masculina, que pelo sincretismo é Jesus cristo. Ele representa o ar e a sua comida é a canjica branca.

Figura 1: imagem de Jesus Cristo

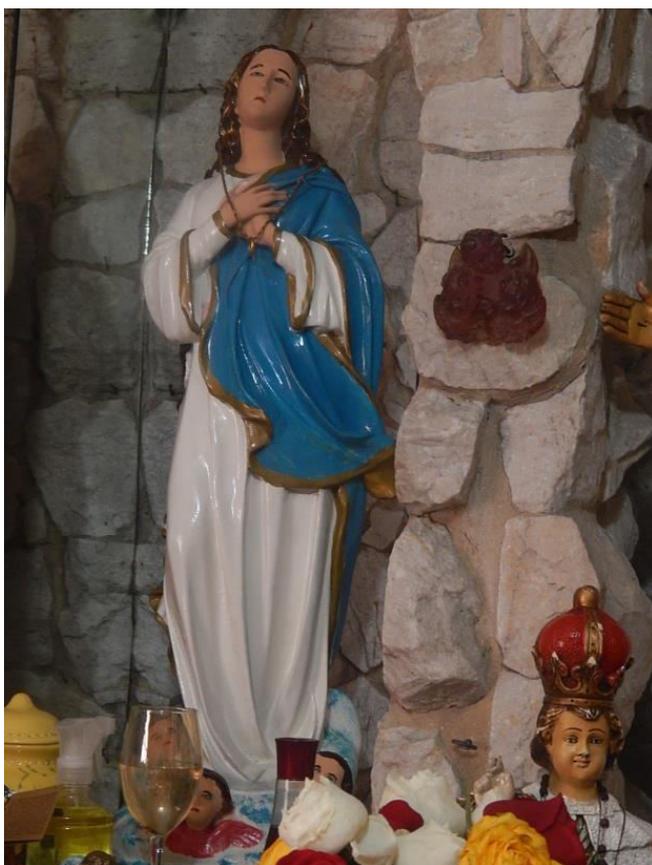


Fonte: Oliveira, D.O.F, 2014

Oxum

É uma entidade feminina, que pelo sincretismo representa as Nossas Senhoras em geral. Ela representa a cachoeira e as águas doces. A principal comida dela é a canjica branca.

Figura 2: Imagem de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Oliveira, D.O.F, 2014.

Iansã

É uma entidade feminina, que pelo sincretismo com a Igreja Católica é Santa Bárbara. Ela é a rainha dos ventos e tempestade. A principal comida dela é a canjica amarela.

Figura 3: Imagem de Iansã

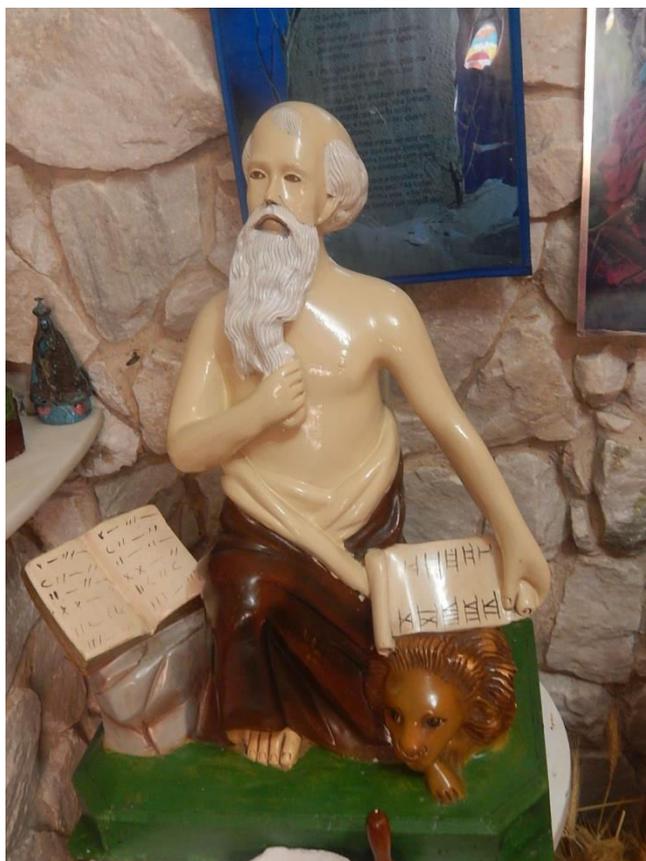


Fonte: Oliveira, D.O.F, 2014.

Xangô

É uma entidade masculina, que pelo sincretismo é São Jerônimo. Ele é o pai da justiça e representa as pedreiras. O símbolo dele é o machado de dois gumes, e a principal comida dele o amalá, feito com frutas.

Figura 4: Imagem de Xangô



Fonte: Oliveira, D.O.F, 2014.

lemanjá

É uma entidade feminina, a Nossa Senhora dos Navegantes pelo Catolicismo. Ela fica no comando das águas por ser a Rainha do mar. A principal comida dela é a canjica branca.

Figura 5: Imagem de lemanjá



Fonte: Oliveira, D.O.F, 2014.

Ogum

É uma entidade masculina, que pelo sincretismo é São Jorge. Ele é o senhor da guerra; representa o ferreiro que domina o fogo e o moldar da pedra. A principal comida dele é o churrasco.

Figura 6: Imagem de São Jorge



Fonte: Oliveira, D.O.F, 2014.

Oxóssi

É a entidade masculina que é São Sebastião pelo lado do Catolicismo. Ele é o senhor das matas, protetor da natureza. A principal comida dele é a costela de porco.

Figura 7:imagem de Oxóssi



Fonte: Oliveira, D.O.F,2014.

A comunidade é composta em sua maior parte por mulheres, na maioria negras, inclusive mãe e filha a primeira e a segunda cacique da casa. Há apenas um representante do sexo masculino. O grupo é formado por pessoas de faixa etária entre 40 a 85 anos. Fazem parte atualmente da comunidade religiosa um total de 10 pessoas, apresentando um número menor que no ano de 2014. É em dias de festas que a comunidade costuma estar completa, o que não acontece nos dias comuns, de trabalho. Entretanto, de acordo com a Mãe Vilma, nem sempre foi assim:

“Na minha casa tinha muita gente na corrente, o corredor ficava até a porta de gente enchia, enchia, ficava fazendo comida, porque eu tirava carta, eu benzia criança, fazia todo tipo de benzedura, eu tirava carta até às 23h da noite porque quando minha irmã ficou doente, não tinha nenhuma casa aqui que eu não atendesse, trabalhava noite e dia, para levar para hospital eu ia correndo, para levar para o sanatório eu ia corria, eu atendia em São Paulo, eu trabalhava e trabalhava para fora fazia muito doce muita coisa, eu botava meu pessoal a trabalhar quando minha mãe ficou doente sumiram tudo, eu só dava terreira depois que passou uns tempos que ela melhorou, aí eu trabalhava segunda e sexta-feira , eu atendia, atendia, tu pensa que aquelas que eram do tempo dela quando nós duas éramos cacique e disse eu vou te ajudar? Aquela grandona de camisa branca ela a Irma dela, minhas sobrinhas que nunca abandonaram e outras a sogra da Joelma que me ajudava muito, eu trabalhei grávida da Joelma, eu trabalhei grávida da Cleusa, a Angelita nasceu nos braços na terreira, a Jura e a Mônica nasceram nos meus braços na terreira, todas elas se criaram aqui, hoje estão com 50, 51 anos”. (Mãe Vilma, outubro de 2014)

De acordo com Maria das Dores e Cecília Mariz (2017), as mulheres são maioria na maior parte dos grupos religiosos. A religião da cultura brasileira parece fazer parte do mundo feminino e das mulheres que são mais excluídas econômica e socialmente. As mulheres de baixo poder aquisitivo buscam na religião um modo de conseguir superar suas dificuldades por serem mulheres, negras e pobres.

As pessoas que fazem parte da comunidade religiosa, e que iniciaram na terreira há muito tempo, são em maioria parentes da família da Mãe de Santo. As mulheres que Mãe Vilma cita no seu relato são suas sobrinhas biológicas,

que se criaram no espaço. Recentemente o filho de uma delas, que tem 14 anos está iniciando na casa de religião; é uma escolha de a família manter na casa apenas os parentes e os amigos mais próximos.

2.1 As obrigações e os objetos:

Festa em homenagem aos Caboclos das sete encruzilhadas , ao Bará das sete encruzilhadas e o aniversário da terreira.

Em novembro, no momento em que cheguei à terreira, os médiuns estavam puxando os pontos dentro do quarto de santo; logo saíram do espaço com trunfas brancas na cabeça. A Cacique realizava o Amaci nos seus filhos de santo para reforçar as suas entidades.

A casa encontrava-se enfeitada: balões vermelhos e verdes na entrada do quarto de santo, a mesa coberta por uma toalha rosa e o tambor com um pano amarelo e renda por cima.

Na mesa, bebidas como refrigerantes (guaraná, Pepsi, sucos de limão e de laranja), cerveja, cachaça e várias garrafas de champanhe. Além disso, comida: pizza, prato de linguiça com tomates e ovos e doces como quindim e bolo. Naquele momento, os médiuns colocaram no quarto de santo uma vela de sete dias e uma travessa com pipoca.

Através do ponto do Caboclo das Sete Encruzilhadas, Mãe Cleusa recebe a entidade. O Caboclo das Sete Encruzilhadas fez a saudação da mesa passando o braço por cima do móvel. Nesse momento foi aceso um incenso que foi passado na casa durante o ritual. As plantas pitangueiras e espada de São Jorge são retiradas do quarto de santo e colocadas no espaço do salão da Umbanda.

Sou convidada a tomar o passe, para isso foi necessário retirar os calçados para ir até os médiuns da corrente. O Caboclo passou as mãos nas minhas pernas pela frente e as costas e deu três tapas na minha mão direita e três tapas na minha mão esquerda.

Uma moça, que estava à espera de tomar o passe, que não costumava estar na corrente, entrou na roda e saudou a Mãe de Santo e o quarto de santo e

recebeu uma entidade. A mulher começou a rodar as outras filhas de santo a protegeram até que ela parou. Nesse instante, ofereceram-lhe água e ao bebê-la, desincorporou.

Uma filha de santo recebeu a Jurema e começou a tremer as mãos e a rodar com muita velocidade ao som do ponto da entidade. A Jurema, com as mãos encolhidas e com a coluna curvada foi até o quarto de santo e voltou para a roda de costas e foi até a porta, saudou a rua e voltou para o centro da corrente.

Uma médium dançou dando socos para cima e para baixo andando para trás e para frente. Até que começou a chorar nos braços de Mãe Cleusa, que passou um copo de água pelos braços, peito e acima da cabeça dela. Seus braços são cruzados, ela continuou chorando, desincorporou, e então permaneceu sentada.

Ao som do tambor e ponto os médiuns formaram uma fila e foram rodando em volta da roda, a corrente ficou muito bonita e nesse instante outra filha de santo recebeu uma entidade através do ponto que estava sendo cantado.

Uma senhora que fazia parte da corrente, mas que quase nunca está com os trajes relacionados à doutrina começou a tremer, mas logo cruzaram seus braços, soprando em seus ouvidos. Nesse instante percebo que a família de santo não é rigorosa em relação aos trajes da religião.

Num instante foi colocada uma vela vermelha acesa em cima do bolo. Mãe Cleusa, então discursou sobre os 67 anos da casa.

A tamboreira também recebeu uma entidade e o ponto foi puxado apenas através do canto e da palma. Ela rodou várias vezes e logo desincorporou, assim fechou-se a gira de Caboclos.

Na gira dos Exus que começa depois da meia noite, as mães de santo estavam posicionadas da seguinte forma: Mãe Vilma na poltrona, Mãe Cleusa no centro da roda, e Mãe Heloísa na frente do quarto de santo. Os médiuns e a assistência deram-se as mãos e cantaram os pontos da terreira.

A tamboreira tocava o tambor de olhos fechados, batendo-o aceleradamente. A cortina no quarto de santo nesse momento é fechada.

Um menino que já era iniciado e estava na assistência, saúda. Mãe Vilma e o Congá. Pegou o champanhe sobre a mesa e com ele deu o passe as pessoas do local passando uma garrafa na frente delas, foi até a rua segurando-a, e deixou outra aberta, na mesa.

Mãe Heloísa incorporou a Oxum e mandou abrir a cortina. Nesse momento, o menino desincorporou e permaneceu sentado no banco. A entidade disse que é necessário doutrinar os Exus, pois eles gritam muito, e acusou o menino de estar mistificando e falou que ele está perturbado, e que na sua casa não aceita mistificação. O Bará, que o menino incorporou não utiliza a champanhe para dar o passe, mas apenas para brindar.

As comidas foram distribuídas, enquanto a entidade Oxum trabalhava realizando o passe. Depois de falar bastante com as pessoas presentes e com Mãe Vilma, Mãe Heloísa desincorporou. A corrente se reuniu novamente, o último ponto foi puxado e a festa acabou.

Podemos compreender no capítulo por meio do Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Penha, aspectos da Umbanda da linha cruzada. Embora, cada casa de Umbanda Cruzada tenha a sua singularidade. Portanto, visualizamos o modo que os objetos são utilizados no espaço da terreira que melhor aprofundo no capítulo a seguir.

Capítulo 3: As coisas e o sagrado

O capítulo tem o objetivo de realizar uma discussão sobre a importância e o significado dos objetos e a relação deles com as entidades e a comunidade religiosa. Além disso, a relação dos objetos no ambiente ritualísticos e a relevância dos espaços trazidos neste estudo também como um objeto.

3.1. Ritual de Iniciação¹⁶.

No Centro são realizadas três etapas diferentes para o iniciante estar preparado para trabalhar: O Batismo, o Amaci e a Cruz¹⁷. O Batismo é algo sagrado que significa o recomeço. O Amaci é a afirmação da espiritualidade do indivíduo e do seu anjo da guarda. A cruz é a obrigação de fortalecimento e reforço.

Primeiramente, o iniciante vai ter uma conversa com o cacique da casa, nesse momento lhe é explicado regras e as obrigações e suas responsabilidades¹⁸ e outro dia ele vai novamente para realizar o batismo, mas

¹⁶ “É pela iniciação que uma pessoa passa a fazer parte de um terreiro e de sua família de santo, assumindo um nome religioso africano e um compromisso eterno com o seu deus pessoal e ao mesmo tempo com seu pai ou mãe- de -santo. Assim um adepto ao se iniciar, nasce para a vida religiosa como “filho” espiritual do seu iniciador, o pai ou mãe de santo. Tendo um iniciado um pai ou mãe de santo, terá também irmãos/ irmãs de santo (iniciados por se pai de santo) tios e tias de santo (os irmãos/ irmãs de seu pai de santo) e assim sucessivamente”. (Gonçalves da Silva, 2005 p.57).

¹⁷ A cruz se faz uma única vez e o ritual Amaci uma vez ao ano, o Amaci costuma ser realizado no mês de setembro ou outubro para fortalecer o anjo de guarda do indivíduo e as suas entidades.

¹⁸ Durante o encontro com o cacique, nesse instante ela analisa quem são os pais de cabeça do iniciante, todos têm um pai e uma mãe de cabeça. A partir desse momento, o cacique confecciona o guia utilizando pedras e miçanga e prepara para ficar durante sete dias de molho nas ervas doce em uma Agata, e ao passar esse período se coloca água de cheiro de acordo com a entidade responsável pela cabeça do iniciado na guia. O iniciante recebe duas guias uma de sua entidade e outro do Bará, a última deve ser sempre utilizada pelo iniciante, pois é a sua defesa, retira apenas para dormir e tomar banho. É necessário ter um cuidado com a guia não deixa-la dentro do quarto, não pode ser usada enquanto a mulher estiver menstruada e além do dono só os caciques da casa podem tocar. O médium também usa um cordão de aço que contém as passagens de todas as entidades respondendo por toda a parte espiritual. A guia e o cordão têm a mesma função proteção e fechamento do corpo de todos os males.

para isso precisa estar com o corpo limpo, tomar o banho de descarrego com o propósito de retirar as energias negativas. O banho pode ser de sal grosso ou de sete ervas, toma-se o banho normalmente e depois o de descarrego¹⁹ numa bacia para não deixar escorrer a água para o ralo, o líquido deve ser despejado na encruzilhada de preferência por outra pessoa.

A bacia de Ágata não só se realiza o Amaci como é muito utilizada no espaço religioso para outras funções, ela aparece no Congá com as obrigações e se guarda nela o Ocutá de Xangô e fica no pilar de gesso a frente de Ogum com pipoca.

Na primeira etapa, no batismo é preciso que o iniciante esteja vestido de branco, durante a cerimônia estão presentes os padrinhos materiais, os quais não precisam pertencer a casa e também o cacique e a corrente²⁰ que puxa os pontos e rezas enquanto ocorre o evento. É necessário para batizar a vela branca, um prato com sal e água benta, o iniciante seguraria a vela²¹, é feito uma cruz no peito e nas suas costas e a água benta é passada na sua testa.

A entidade que trabalha durante a iniciação geralmente é a que o cacique trabalha, se esse não estiver disponível no instante do ritual indica outra entidade que esteja preparada.

Na segunda etapa é realizado o Amaci, durante o ritual o iniciante precisa estar adequadamente vestido e estar de corpo limpo. O Amaci é feito com sete ervas doces e perfumadas como o manjericão, anis, arruda, espada de São Jorge, cidreira e guiné, as plantas são coadas e colocadas numa bacia Ágata branca, o iniciante ajoelhado recebe o líquido na cabeça e por último o dendê com o mel também na cabeça que é para reforçar a entidade, seca com

¹⁹ O banho de descarrego tem a função de retirar as energias negativas.

²⁰ A corrente está presente em todas as etapas no Batismo, no Amaci e na Cruza.

²¹ No Batismo pode ser usada uma vela branca comum, na etapa do Amaci e na Cruza é essencial à utilização de velas como a de sete dias branca para saudação do anjo da guarda e a de sete linhas para fazer a saudação para todas as entidades.

a toalha branca e coloca uma trunfa (espécie de turbante) que fica durante sete dias²² depois volta na terreira para lavar a cabeça.

Na terceira etapa a cruza, o iniciante ajoelhado recebe na cabeça as sete bebidas, o vinho de Oxalá, o guaraná de Oxum, a cerveja branca de Ogum, a cerveja preta de Xangô, a cachaça do povo da rua (Exus), e a champanhe da Pomba Gira. Depois da última etapa o iniciante está preparado para começar a trabalhar, ele deve continuar indo na terreira no dia da sua entidade para bater cabeça no Congá e acender uma vela branca ou da cor correspondente à entidade.²³

A possessão tão complexa que já foi considerada com uma perturbação mental. Conforme Goldman (1987), a possessão e a noção de pessoa precisaria ser encarada como um sistema mais dinâmico.

A possessão é um ritual que atua através da transformação do indivíduo, que atua através das entidades, uma força natural cósmica. Nas religiões de matriz africana a possessão ocupa um lugar central. O ritual de iniciação tem como objetivo fixar a entidade no indivíduo sendo que ele vai fazer parte de sua pessoa. No entanto, a Umbanda de linha branca ou cruzada são entidades que encarnam para trabalhar e dar conselhos de forma a auxiliar quem está precisando de ajuda, diferente do Batuque que os Orixás “baixam” para ser homenageados e dificilmente falam durante o ritual. (GOLDMAN, 1987)

²² Durante os sete dias existem uma série de proibições ao iniciado, não pode ter relação sexual, comer ou beber nada quente, chegar à beira do fogo, pegar sol, e de preferência não usar metal.

²³ O iniciante que é responsável por trazer a louça ágata, a toalha branca e o pano da mesma cor para fazer a trunfa, o material deve ser novo e ser lavado apenas com sabão de coco ou sabonete de glicerina.

Figura 8: Louça Ágata



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2014.

3.2: Benzeduras:

A atividade no centro desenvolve-se durante todo o ano e este é muito procurado para resolver problemas amorosos, financeiros, de saúde, entre outros. Além dos trabalhos procura-se muito ainda a benzedura principalmente nas cidades do interior, considerado um dom divino também praticado por mães de santo, o qual não pode ser cobrado. Algumas destas, descritas por nossa narradora, apresento a seguir: Eczema- Primeiro benze a parte afetada com água benta se faz uma oração e o sinal da cruz; Mau jeito – É necessário dois pedaços de pano um preto e outro vermelho, e duas linhas das mesmas cores, e uma agulha costuram-se os panos, o preto com a linha vermelha e o pano vermelho com a linha preta rezando encosta no lugar afetado; Sapinho - molha-se a terra com água, a criança tem que se posicionar onde sua sombra fique nesta parte, é utilizado a faca para cortar a sombra benzendo em cruz. (Oliveira, D.O.,F,2014)

3.3: Os objetos e a sua simbologia.

As imagens das entidades e outros objetos no Centro Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Penha são comprados em lojas de artigos religiosos, a qual a interlocutora chama de casa de santo. Durante a pesquisa estive nestas lojas, que em Pelotas existem em um número elevado. A Casa de Umbanda Tia Anastácia e a Flora Mãe Oxum.

Figura 9: Loja de artigos religiosos.



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2018.

Figura 11:Lojas artigos religiosos



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2018.

Os objetos quando iniciados na terreira eles são batizadas pelo cacique da casa com água benta, se faz uma oração e acende uma vela correspondente a entidade que estiver sendo preparada. Em relação às imagens a água benta vai sobre a cabeça da imagem e se faz o sinal da cruz.

Quando tem festas é necessário fazer a limpeza do Congá e do quarto de santo, dos santos e seus apetrechos. No primeiro momento, com um pano branco se passa o banho de ervas nas imagens de gesso na cabeça e no restante do corpo. No segundo momento se dá o banho de água de cheiro e se seca com uma toalha branca. Uma vez ao ano se faz a limpeza das pedras do Congá e a pintura das paredes do quarto de santo.

As guias, contas de louças são um dos principais objetos de identidade de um filho de santo. As contas, representam o mundo místico a que pertence o iniciado e

sua combinação numerológica é a representação material de sua identidade, do qual ele passa a fazer parte e vice-versa. (Amaral, 2009)

A bandeira mostra a data e a fundação da terreira, o sol e a lua representando o céu e a natureza, foi produzida pela mãe Vilma há 50 anos. A bandeira aparece em algumas festas da terreira.

Figura 12: Bandeira do Centro Espírita Nossa Senhora da Penha



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2014.

O estandarte traz em si uma posição em que os iniciados e fundadores propõe para seu universo espiritual, uma relação entre o dia e a noite, tendo o centro como intermediário entre aquilo e o que é mítico, representado possivelmente pela noite e o ritualístico representado pelo dia. Uma relação entre o escuro e o claro, que neste caso estão vivamente representados nestes traços da bandeira. Estas representações estão imbricadas nas ideias que estes espaços comungam com suas entidades (OLIVEIRA, D.O.F,2014). O quadro jubileu de ouro foi dado de presente quando a casa estava completando 50 anos por um cliente após receber uma graça. Nele contém o nome das pessoas que trabalhavam na época.

Figura 13: Figura: Jubileu de Ouro



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2014.

As flechas são um símbolo dos Caboclos e as espadas um símbolo de Ogum, Oxum e Iansã, esses são poucos utilizados nos trabalhos observei a flecha sendo uma vez pela Jurema²⁴, tendo função maior de representação.

²⁴ Jurema é uma entidade feminina que pertence à linha de Caboclos.

Figura 14: Imagem das espadas



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2014.

As cestas uma com balas e outra com frutas costumam estar dentro do quarto de santo como oferta para as entidades. As velas estão dentro do quarto de santo como um pedido das pessoas para iluminar os seus caminhos. Além disso, podemos visualizar que dependendo da entidade que está trabalhando tanto ervas como objetos são mudados de lugar.

Figura 15: imagem da vela que representa as cores das setes entidades.



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2014.

Na casa é realizado o sacrifício de animais apenas para Bará, se faz o corte, onde é utilizado um punhal, esse objeto também passa por um processo de iniciação, mas não me foi revelado por ser um segredo de religião.

A Casa de Exu é feita de material e as imagens da entidade tem uma preparação diferente dos demais, ao iniciarem na terreira se coloca azeite de dendê apenas no corpo e mel somente na cabeça dos Exus. Durante os trabalhos, são colocadas cachaça e velas vermelhas acesas dentro da casa.

É necessário fazer a limpeza da casa dos Exus e de suas imagens e apetrechos, se faz sempre no início do mês. Além disso, se faz o reforço espiritual nos Exus e nas pombas giras. Com uma toalha vermelha ou branca se passa o banho de ervas e após o banho de perfume. Logo é passado através de um algodão o azeite de dendê apenas no corpo e o mel somente na cabeça. Na Casa dos Exus sempre tem que ter vela de sete dias acesa, quando acaba uma

é preciso acender outra. Para os Exus, é ofertado cachaça e para as Pombas Giras champanhe que é colocado em copos de plásticos. A casa dos Exus só é aberta apenas em dias de trabalho pelas próprias entidades.

No Centro têm dois tambores que são fundamentais para a realização dos trabalhos. Esses objetos são revestidos de couro, na casa há um tambor grande e outro pequeno que costumam estar sempre enfeitados com sedas coloridas e rendas brancas. O instrumento menor foi comprado pela Mãe Cleusa para dar ao sobrinho quando ele ainda era criança, mas ele se recusou a continuar inserido na religião.

Figura 16: Imagem do Tambor



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2014.

O Tamboreiro no centro precisa ser iniciado na religião, mas não uma iniciação diferenciada, precisa aprender a tocar bem o instrumento e passar por um processo de conhecimento. O irmão da Mãe Vilma era o responsável antes pelo aparelho, ao sofrer um acidente foi passado o cargo a outra filha de santo que se criou dentro da terreira a sobrinha da Cacique a Jura.

O tambor e a figura do Tamboreiro são fundamentais no Centro. O instrumento é responsável por puxar as rezas e trazer as entidades a terra. Em um dia de trabalho, qual eu participei a Tamboreira faltou e não tinha ninguém que soubesse tocar o instrumento. De tal modo que, a realização do ritual foi

feita as pressas, a Mãe Cleusa recebeu uma entidade realizou o passe nas pessoas e logo acabaram os trabalhos.

A ausência da Tamboreira prejudicou o rito. Dessa forma, não se pode iniciar a sessão em a presença do Tamboreiro e o som do tambor no Centro. Em caso da terreira estar em luto é a mesma coisa, nessa situação é proibido o toque do tambor, o passe é realizado, mas os trabalhos não.

A participação dos componentes musicais são essenciais dentro da religião. Sendo assim, os instrumentos, os músicos e as canções são também sacralizados. Os tambores são vistos como seres vivos iniciados no culto como qualquer ser humano que se inicia no culto, como qualquer médium. Neste contexto, estão também o chocalho e a sineta, sendo de menor relevância que o tambor (ARAÚJO, 2012).

Figura 17: imagem do chocalho



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2014.

A pedra de Xangô é o símbolo da entidade porque ele é o rei das pedreiras. A pedra, escolhida é a melhor para que se possa realizar o assentamento. Para que o processo de assentamento seja realizado primeiro se faz o batismo com a água benta, se dá o banho de ervas e o banho de água de cheiro. Assim como as imagens quem faz o batismo da pedra é a Cacique ou a segunda Cacique.

Figura 18: Imagem da pedra de Xangô



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2014.

O assentamento é a representação material da entidade, o lugar onde sua energia é fixada, assentada. Estabelecer a entidade significa segurar a energia numa pedra junto a outros materiais mágicos. (AMARAL, 2001)

A gamela é utilizada para oferendas principalmente de Xangô, podendo ser utilizada também para Oxóssi na casa da Mãe Vilma, nela não vai balas e nem o churrasco que é de outra entidade, o Ogum. Além disso, para as outras entidades a obrigação é colocada numa bandeja de papelão que precisam ser prateadas ou douradas.

Figura 19: Gamela de Xangô



Fonte: Oliveira, D.O. F, 2014.

Para Xangô, tem uma panela específica para fazer o seu Amalá (carne de peito, mostarda, farinha de mandioca e frutas). No interior da gamela, além disso, são colocadas oito velas brancas e oito bananas.

As divindades devem ser cultuadas em recipientes especiais²⁵ que contém os elementos naturais que os representam, como água, pedra, peças de ferro, barro, metal etc.(SILVA, 2005,p.46)

A garrafa de água benta está sempre presente durante os trabalhos, antes de começar o ritual, os médiuns e as pessoas que formam a assistência passam a garrafa um para outro e passam o líquido sobre as mãos e a testa fazendo o sinal da cruz. A água benta, tem a função de proteger e afastar o mal.

²⁵ Esses recipientes tratados como coisas vivas devem ficar em local consagrado e de acesso reservado, pois sobre eles são feitas as oferendas de alimentos que renovam sua força mágica e seus adeptos (GONÇALVES, 2005)

A segurança que localiza-se na porta na parte interna do espaço, é feita com os símbolos das entidades. A chave representa os santos São Pedro e Santo Expedito. As ferraduras significam prosperidade e sorte e pertence a cavalaria de Ogum e a espada é um símbolo de defesa de Iansã, que faz o assentamento da segurança. As figas são para afastar os males, o olho gordo e as forças negativas. No papel contém várias rezas, como a oração de São Cipriano, da Carta Celeste, São Jorge, Santa Catarina, São Marcos.

O pesquisador Tim Ingold (2012) em seu trabalho, “*trazer as coisas de volta: emaranhados criativos no mundo de materiais; desafia a noção de objeto e propõe a noção de coisa.*” Segundo o autor, o mundo em que habitamos é composto por coisas e não objetos. Nessa perspectiva, a terreira como um local que reúne vidas, seria também uma coisa. Sendo assim, a cultura material, utilizada em um ambiente onde são realizadas atividades ritualísticas, e ao apresentarem vitalidade também se caracterizariam como tal.

Figura 20: imagem do Quarto de santo e Congá



Fonte: Oliveira, D.O.F,2014.

Conclusão:

Percebemos neste trabalho que a terreira é um local de resistência. No entanto, por causa do preconceito, algumas das religiões afro - brasileiras passaram por um processo de adaptação. Portanto a Umbanda e a Quimbanda tiveram origem na Macumba que foi estabelecida por negros de classe baixa. A Umbanda inseriu elementos do catolicismo já existente na macumba e do kardecismo, a fim de ser aceita pela sociedade, sendo assim, suas casas passaram a ser chamadas de Centros Espíritas. Embora a comunidade religiosa tenha ficado no "*lugar de religião*", tendo seu espaço sagrado chamados de "*casas de religião*" todos os locais como igrejas, centros, templos, tendo pessoas reunidas para ter contato com o sagrado, são lugares de religião, mas apenas as casas de Umbanda e Batuque são consideradas dessa maneira. Os adeptos dessas religiões são denominados como "*os de religião*", sendo que todas as pessoas que seguem uma doutrina são de alguma religião. Contudo, as religiões de matriz africana ainda são perseguidas e estigmatizadas, em seguida se fazem leis para tentar prejudicá-las.

Ao longo deste trabalho trouxe uma série de considerações a respeito da Umbanda de linha cruzada e a cultura material. Então retomo a questão, qual é a importância e o significado dos objetos ritualísticos e dos espaços que constituem a terreira? Na pesquisa coletei muitos dados relevantes, através da interlocutora a Mãe Cleusa, segunda cacique da casa. A observação dos ritos me auxiliou no estudo para melhor compreender essa cosmologia. No entanto, por meio das referências bibliográficas tive a possibilidade de fazer uma interpretação desses materiais.

Em relação aos espaços na terreira, existe uma oposição entre a casa e a rua, as imagens de gesso que representam as entidades de espíritos

evoluídos estão no interior da casa no altar denominado Conga dentro do quarto de santo, enquanto que as imagens dos Exus, espíritos de pouca luz, que estão passando por um processo de evolução ficam na rua dentro de uma casa construída só para eles, isolados, num prolongamento da moradia. A rua é ação, movimento, lugar de trabalho, mas também de malandragem. “*Não se coloca Exu dentro de casa*” (Mãe Vilma, 2014). No interior da casa de religião existem três espaços importantes: a cozinha, o quarto de santo, o salão; no primeiro é onde se realiza as comidas de santo, o segundo há o Congá onde se põe as imagens das entidades e seus apetrechos, na rua, a Casa dos Exus. O Exu baixa no salão da terreira, mas saúda as entidades da sua linha na rua e nunca entra no quarto de santo, já o restante reverencia a rua e o Congá. O tambor, instrumento de maior significado, pois ele é a defesa da casa e ocupa uma posição na frente do quarto de santo, na parte direita da poltrona onde senta a chefe religiosa e ao lado oposto da rua. O som do instrumento sai do salão para a rua.

As atividades ritualísticas que transformam o objeto num símbolo, ele deixa de ser algo estático e se torna dinâmico. Perde sua identidade de objeto e vira coisa, algo que passa a ter vida quando se inicia no espaço religioso. (Ingold, 2012). O objeto não é o mesmo aquele comprado na loja de artigos religiosos, cru e sem animação. À medida que foi iniciado passou a representar ou pertencer a uma entidade, se movimentou do profano para o sagrado. Assim como o indivíduo após passar pelo processo de iniciação não carrega em si apenas a sua própria alma, carrega consigo, as entidades donas da sua cabeça. Dessa forma os médiuns passam a ter uma relação direta com os objetos já que eles possuem o caráter das entidades, é por meio deles que ele vai conseguir entrar em contato com o seus protetores. As entidades visualizam nas coisas uma representação de si mesmo, porque elas têm as suas características, as roupas, os guias, as velas, os balões da festa são da sua cor preferida, as flores e as ervas são aquelas que eles gostam, no quarto de santo os seus apetrechos, o tambor puxa o ponto cantado deles para incorporarem. Através do tambor e dos outros instrumentos que ocorre uma conexão entre uma entidade com a outra.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, Anderson. L.A. **Entre Atabaques, Sambas e Orixás**. Revista Brasileira de Estudos de Canção-ISSN 2238-1198 Natal, v.1, n.1, p.52-63 jan-jun 2012.

AMARAL, Rita. **A Coleção etnográfica de cultura religiosa afro-brasileira do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade da USP, São Paulo, p.225-270 v.10, 2001.

CORRÊA, Norton F. Panorama das religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. **As Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul** p.9-44, 1994.

GIL, Lorena. Benzederos em Pelotas (RS) Entre o dom, a tradição e a religião. In: **Anais do X Encontro Nacional de História**, p.1-11 26 a 30 de julho, Santa Maria- RS, 2010.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta a vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JÚNIOR, A. R. Patrimônio Etnoarqueológico de Terreiros de Candomblé: Tensões entre a Memória Coletiva e o Poder Hegemônico. In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, Salvador, p.1-12. Ago. 2011.

MARCIO, Goldman. A construção Ritual da pessoa: a possessão do Candomblé. In: Moura. C.E.M(org) **Candomblé desvendando identidades**,1987. p. 85-119.

MACHADO, Maria das Dores C; MARIZ, Cecília L. Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as comunidades eclesiais de base e os grupos carismáticos, p.1-15, 2017.

MAUSS, Marcel. **A prece** (1909). In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de(org). Mauss.São Paulo:Ática,1979,p.103,104,116-117.

MATTA, Roberto. Carnavais em múltiplos planos. In: MATTA, Roberto. (org) **Carnavais Malandros e Herois**. Rio de Janeiro. Zahar. Editores,1983. p.66-118.

RODOLPHO, Adriane. **Entre a Hóstia e o Almoço: Um estudo sobre o sacrifício da Quimbanda**, 1994, 235f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,1994.

ORO, A. P. O atual campo afro-religioso gaúcho. **Civitas**, Porto Alegre v.12 n.3 p.556-565 set-dez. 2012.

ORO, Ari Pedro. As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. In: **Debates do NER**, Porto Alegre, Ano 9, n 13 p.9-23, jan/jun.2008

OLIVEIRA, D.O.F. **Cultura material de pretos velhos e Caboclos na linha cruzada da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul**: uma abordagem etnoarqueológica, 2014, p.95f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia)-Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

OLIVEIRA, R.C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: Oliveira, Roberto Cardoso de(org). **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo. 2°.ed Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006. p.17-35.

SÁ JUNIOR, M. T. **A invenção da alva nação umbandista**: a relação entre produção historiográfica brasileira e sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960)2004.105f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2004.

SILVA, M. B. As religiões afro-brasileiras e a intolerância religiosa em Porto Alegre: uma luta pela legitimidade da herança africana. In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, Salvador, 7 a 10 de agosto de 2011.

SILVA, V. G. **Caminhos da devoção brasileira**. 2° edição- São Paulo: Selo Negro, 2005 p.149.